

DEP. LEG. 4 11607 L

HISTÓRIA DA TRISTE E GLORIOSA EMPRÊSA DE TÂNGER



R. 141346

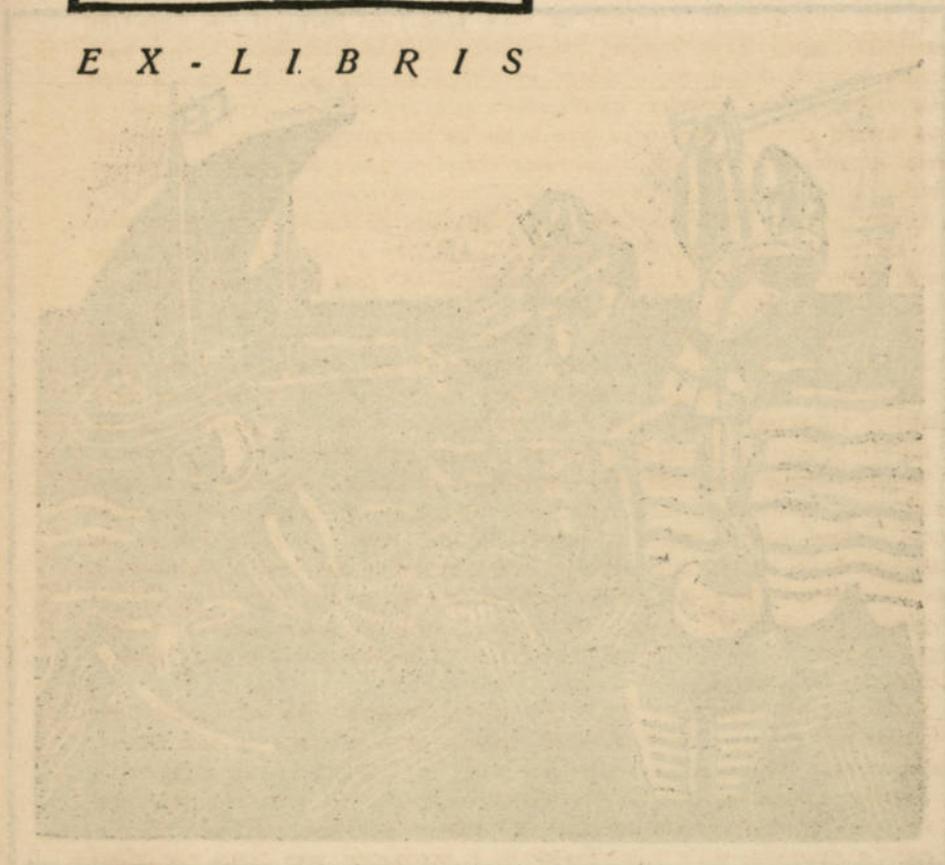


COLECÇÃO PÁTRIA—LIVRO NÚMERO DEZASSETTE

LISBOA ~ EDIÇÕES S. P. N. ~ 1940



E X - L I B R I S



COMPOSTO E IMPRESSO NAS GRANDES
OFICINAS GRÁFICAS "MINERVA", DE
GASPAR PINTO DE SOUSA & IRMÃO
VILA NOVA DE FAMALICÃO - 1940

I 12601 17

LIVRO DEZASSETE

HISTÓRIA DA TRISTE E GLORIOSA EMPRESA DE TÂNGER

Já foi contado como o grande rei Dom João I de Portugal com seus três filhos mais velhos, Dom Duarte, Dom Pedro e Dom Henrique, e com uma poderosa armada, conquistou a cidade de Ceuta aos moiros. Foi uma grande vitória onde os três infantes mostraram a sua valentia, coragem e saber; e depois foram armados cavaleiros com tôdas as honras que seu valor merecia. E esta tomada de Ceuta foi a primeira empresa dos portugueses em terras de África.

Eram passados vinte anos depois da conquista de Ceuta e os outros dois filhos de el-rei Dom João, os infantes Dom João e Dom Fernando — que naquele tempo ainda eram crianças — encontravam-se agora já homens e nem um nem outro ficava atrás em merecimentos e virtudes, aos três mais velhos.

Não havia um só filho de el-rei Dom João I de Portugal e da rainha Dona Felipa que não fôsse em tudo um modelo de perfeições. Eram seis, cinco rapazes e uma menina. E esta, casada em França com o duque de Borgonha, não desmerecia dos irmãos em cousa alguma e foi uma grande princesa que sempre honrou em terras estrangeiras o nome português.

O infante Dom Fernando era o mais novo de todos. Quando êle nasceu, a rainha sua mãe andou para morrer; e enquanto foi menino, teve muitas doenças e ficou sempre com uma saúde delicada. Mas o que lhe faltava em forças, ganhava-o em virtudes. Nunca ninguém lhe ouviu uma má palavra e a sua caridade era tão grande e tão santo o seu pensar que fazia a admiração de todos. Era delgado e alto; era loiro e tinha os olhos azues e a pele branca; e quem o via e o ouvia maravilhava-se e dizia que êle mais parecia um anjo que um homem.

Tinha grande devoção a Deus e a Nossa Senhora; não há memória de ter faltado uma vez que fôsse aos seus deveres de bom filho, de bom irmão, de bom vassalo. Era valente ainda que nunca se gabasse da sua coragem, e leal, e nunca mentiu em dias de sua vida. Todos os seus servidores morriam por êle, pois os tratava nem que fôsem todos seus filhos, cuidando do seu bem-estar e estimando-os e aconselhando-os e perdoando seus erros e ajudando-os em tudo que podia.

El-rei Dom João I tinha morrido e repousava no Mosteiro da Batalha ao lado de sua querida mulher a rainha Dona Felipa, na capela onde ainda hoje estão. E o infante Dom Duarte, seu filho mais velho, herdara a coroa real de Portugal e governava com muito acerto êste reino.

Ora um dia, o infante Dom Fernando foi ter com el-rei seu irmão e disse-lhe que vinha pedir-lhe licença para partir de Portugal e ir para outras terras oferecer seus serviços a outros réis, pois Portugal estava em paz e não havia ocasião dele mostrar seu valor, como convinha a príncipe do seu sangue. E falou assim: — Bem sabeis, meu irmão e senhor, que ainda nada fiz do que compete a um bom cavaleiro. Vós e os infantes Dom Pedro e Dom Henrique, cobristes-vos de glória na tomada de Ceuta e aí fostes armados cavaleiros por vossos grandes merecimentos; e o nosso outro irmão Dom João foi mais tarde a Ceuta socorrer aquela cidade que os moiros tinham cercado; e houve-se com tal bravura que também por seu valor ganhou com muita honra as suas esporas de cavaleiro. De nós todos só eu — mais velho hoje do que vós éreis nesses tempos — ainda não fiz cousa digna do nosso nome e não vejo que, ficando aqui, tenha ocasião de o fazer e de ser armado cavaleiro com honra.

Dom Duarte, que estimava muito o irmão mais novo, não consentiu que êle partisse e não lhe deu a licença que êle lhe pedia. Sabia que o irmão era fraco e doente e não queria vê-lo partir à aventura para terras estranhas. Mas Dom Fernando não desistia. Foi ter com seu irmão Dom Henrique e contou-lhe tudo pedindo-lhe que falasse a el-rei Dom Duarte e obtivesse seu consentimento.

Ora Dom Henrique, desde que voltara de Ceuta só tinha uma idea na cabeça: África. Naquele tempo ninguém conhecia nada da costa de África além do Cabo Bojador. Para lá dêsse cabo, tudo era desconhecido, e o infante Dom Henrique queria descobrir aquela costa, ver onde ela ia dar e, para isso, quanto maior fôsse o poder dos portugueses no norte de África, parecia-lhe que mais facilmente poderia êle saber cousas daquelas terras desconhecidas. Quando ouviu o irmão Dom Fernando, logo lhe acudiu uma idea: Já que Dom Fernando queria batalhar e merecer com bravura e risco de vida suas esporas de cavaleiro, não seria a melhor cousa os portugueses tentarem uma nova conquista em África? Tinham tomado a cidade de Ceuta; porque não haviam agora de tomar a cidade de Tânger, mais rica ainda e poderosa?

Com esta idea, procurou el-rei Dom Duarte e disse-lhe com grande entusiasmo os seus planos. Mas Dom Duarte não se mostrou inclinado a tentar tal emprêsa. Entendia que a paz de que gozava lhe dava ensejo de fazer grandes e boas obras no reino que mais aproveitariam à felicidade do seu povo do que empreendimentos de guerra.

Dom Henrique não desanimou e foi pedir o apoio da rainha que tinha muita fôrça no ânimo de el-rei. E tanto teimou com aquela sua fôrça de vontade que nada vencia, que acabou por levar a sua por diante.

Mas esta emprêsa não ia começada como a outra de Ceuta. Nem o infante Dom Pedro nem o infante Dom João a aprovavam; e era contra vontade que el-rei Dom Duarte dera seu consentimento. A maior parte dos fidalgos eram contrários à expedição que achavam perigosa e sem grandes vantagens para Portugal. E o povo tinha tão pouca vontade de partir que à última hora muitos homens faltaram.

O infante Dom Pedro, falando com seu irmão Dom João, abanava a cabeça: — Isto não vai dar certo, irmão. Quando foi da emprêsa de Ceuta

não havia um coração em Portugal que não estivesse connosco; não havia um homem que não quisesse partir. Mas agora não é assim. O povo não quer esta guerra; a maior parte dos fidalgos não a quer. A empresa de Ceuta foi muito bem preparada pelo nosso pai; o segredo muito bem guardado até ao fim. A confiança do povo em el-rei nosso pai era tamanha, que todos iriam com êle até ao fim do mundo, de olhos fechados. O nosso irmão Dom Duarte é um bom rei e tem muito boa cabeça, mas não é senhor de si como o nosso pai nem tem a sua prudência nem a sua fôrça de vontade.

— Ainda há outra cousa; — respondeu o infante Dom João — outra cousa muito perigosa: é que Dom Duarte é fraco, não tem firmeza, deixa-se levar facilmente...

— Hum... — resmungou Dom Pedro — sei o que quereis dizer, irmão. A rainha...

— A rainha faz dele o que quer — disse Dom João, baixando a voz e olhando em redor a ver se alguém os escutava.

E Dom Pedro acrescentou:

— A rainha! D. Leonor de Aragão não me quer bem. Os nossos irmãos, os infantes Dom Henrique e Dom Fernando, pediram-lhe que convencesse el-rei e prometeram-lhe deixar tudo que têm ao seu filho segundo. A rainha é interesseira e gosta de ir contra a minha vontade... E isto vai ser uma desgraça, irmão; o coração adivinha-me grande desgraça.

— El-rei vai reunir o conselho e lá podemos dizer o que entendemos — respondeu Dom João — e com certeza teremos todos os fidalgos ou quasi todos connosco.

— Mas el-rei não esperou a opinião do conselho. Resolveu tudo sem nos ouvir; está tudo já destinado. A rainha bem sabia que nós seríamos contra esta guerra e tais cousas lhe disse que o convenceu a decidir tudo antes de reunir o conselho.

Os dois irmãos ainda conversaram muito tempo e combinaram o que haviam de dizer no conselho. Mas quando chegou êsse dia, as suas vozes não serviram de nada. El-rei tinha dado as suas ordens e por tôdas as terras de Portugal se alistavam homens, e no Douro e no Tejo juntavam-se os navios, e por tôda a banda se tratava de viveres e armas para a expedição.

Bem triste foi a partida desta armada, comparada com a outra que saíra de Lisboa à conquista de Ceuta! Essa cobria o estuário do Tejo, tão numerosa e tão forte e certa da vitória, que não havia coração português que não se alegrasse ao vê-la partir. Mas esta parecia desde o princípio marcada pela desgraça. Muitos dos navios que se esperavam, não vieram; os homens alistados para embarcar, fugiram à última hora.

Quando chegou a ocasião da partida, o infante Dom Henrique passou revista às tropas reunidas e viu que tinha apenas dois mil cavaleiros, mil bêsteiros e três mil de infantaria. Contara êle com catorze mil homens; e dêstes catorze faltavam-lhe oito mil! E havia uma grande falta de dinheiro. Tudo tinha sido arranjado à trouche-mouche, naquela ânsia dos dois infantes de apressarem tudo com mêdo que el-rei se arrependesse. E agora, vendo que faltava tanta gente, e barcos e dinheiro, o infante Dom Henrique, longe de

mudar de idea, foi sempre com a sua por diante, fiado num milagre, levado por aquela idea de conquistar o norte de África, que não lhe saía da cabeça.

Na hora do embarque, el-rei Dom Duarte acompanhou seus irmãos Dom Henrique e Dom Fernando a bordo e ouviu missa na sua companhia; e, quando se despediu deles, entregou uma carta ao infante Dom Henrique e pediu-lhe que a lêsse em voz alta diante dele. Essa carta dizia assim:

— Irmão. Assim que, pela graça de Deus, chegardes a Ceuta, escrevei-me. Dividireis a armada em três partes e em cada uma collocareis pouca gente. Enviareis uma sôbre Alcácer, outra sôbre Tânger, e a terceira sôbre Arzila; de modo que estas três cidades receando ser atacadas não poderão ir socorrer as outras. E feito isto, conduzireis o resto das tropas, por terra, em batalhões bem ordenados; e enviareis diante, a uma distância de uma légua ou de meia légua, e seguindo a costa, quinhentos cavaleiros; isto até chegardes à cidade que ides atacar. Apenas eu tiver noticia que sois chegados com vossa gente e tôda a artilharia e máquinas de guerra, defronte de Tânger, ficarei descansado. Estabelecereis aí o vosso campo bem fortificado e seguro e de modo que dêsse campo duas pontas se alonguem até ao mar; e se a vossa gente não chegar para guarnecer as duas pontas, contentai-vos com uma. Mas não deixeis de modo algum de ter uma ponta do vosso campo que vá até ao mar, onde tereis a vossa armada de onde podereis sempre ter reforços e auxílio e víveres, e até ajuda que de Portugal vos enviarei, se fôr preciso. Três dias depois de terdes vosso campo bem instalado e fortificado, atacareis Tânger. Se não puderdes tomá-la, renovai segunda vez o ataque; e se, ainda fôr necessário um terceiro ataque com tôdas as vossas fôrças e grande vontade de vencer. Se êste terceiro ataque fôr vitorioso, ficai na cidade com a gente necessária à sua defesa e enviai-me o resto das tropas a-fim-de se evitar a despesa da sua sustentação. Mas se êste terceiro ataque não fôr feliz, não vos demoreis mais defronte da cidade de Tânger, nem um dia nem sequer uma hora, mas embarcai logo sem mais detença com tôda vossa gente, e voltai para Ceuta onde me esperareis até Março; porque, com a ajuda de Deus, nesse tempo irei ter convosco e levarei comigo tôdas as fôrças do meu reino.

Antes de saltar para o bote que devia levá-lo a terra, el-rei recomendou ao infante Dom Henrique com grande empenho que lêsse muitas vezes aquela carta e que obedecesse a tôdas as instruções que ela continha. E o infante Dom Henrique assim lho prometeu.

Como o vento era de feição, a armada levantou ferros apenas el-rei se dirigiu para terra, e começou a sua viagem em direitura a Ceuta. E ao cabo de quatro dias chegaram defronte desta cidade que ainda estava comandada pelo valente capitão o conde Dom Pedro de Meneses. E a armada ancorou defronte de Ceuta no dia 27 de Agôsto do ano de 1437.

Chegando a Ceuta, o infante Dom Henrique reünio o seu conselho. Os fidalgos disseram com muito juízo que as tropas portuguezas ali juntas não chegavam para empreender o ataque contra Tânger que era uma cidade grande e muito bem defendida; e aconselharam o infante Dom Henrique a não principiar a campanha sem avisar primeiro el-rei e esperar as suas ordens.

Mas o infante Dom Henrique respondeu:

— Bem sei que para uma tal guerra, a gente que temos é pouca; mas parece-me que Deus nos manda avançar assim mesmo; e isto para a nossa glória e acréscimo dos nossos merecimentos. De modo que tomai bem conta do que vos digo; ainda que fôssemos menos numerosos do que somos, não me deixaria aqui ficar em Ceuta de braços cruzados como vós me aconselhais, mas iria para diante e faria aquilo para que vim.

Os outros calaram-se. Bem sabiam que o infante levava sempre a sua por diante. Então, sem mais demoras, o infante Dom Henrique começou a dar as suas ordens.

Resolveu ir com a sua gente, a pé, tomando o caminho por Tetuan. Mas o infante Dom Fernando neste comenos adoeceu e, não podendo fazer a viagem por terra, seguiu por mar, com a armada para Tânger.

No dia 8 de Setembro (1437) o infante Dom Henrique, depois de ouvir missa, pôs-se a caminho com todos os seus. Adiante iam trezentos cavaleiros como guarda avançada. Ao nascer do sol soaram as trombetas e todos tomaram suas armas e puseram-se a caminho conforme Dom Henrique destinou; primeiro, o conde de Arraiolos, sobrinho do infante, com a sua gente; depois as carretas com todo o material de guerra, víveres e tudo que era preciso para as tropas. Em seguida, vinha Dom Fernando de Castro, governador da casa do infante com os seus dois filhos, Dom Álvaro e Dom Henrique; estes com os seus, compunham a ala direita do exército. Atrás deles ia o vedor-mor do infante comandando a ala esquerda. Depois vinha a bandeira do infante levada por Rui de Melo que depois veio a ser marechal. Depois, a bandeira de el-rei levada por Dom Duarte de Meneses, filho do governador de Ceuta e logo atrás, a bandeira da ordem de Cristo. Depois vinha a imagem de Nossa Senhora, o retrato em grande tamanho do Condestável Dom Nuno Álvares Pereira e o de el-rei Dom João I e um pedaço do lenho da verdadeira cruz; e conduzindo estas relíquias, ia o bispo de Évora muito bem acompanhado pelos seus homens de armas e muitos frades. Por fim, vinha o infante Dom Henrique com a sua gente.

A-pesar-de não serem muito numerosos, iam em tão boa ordem e com tanto esplendor, que aquêlê exército em marcha metia respeito e era cousa muito linda de se ver.

Assim foram andando. Na terça-eira acamparam na cidade de Tetuan que estava deserta porque dias antes Dom Duarte de Meneses viera de Ceuta com os seus e a atacara, e os moiros vencidos tinham fugido.

Assim foram avançando em boa ordem até Tânger. Esta marcha durou alguns dias; por tôda a parte onde encontraram moiros, estes foram vencidos; e, pela graça de Deus, nenhum dos nossos foi morto ou ferido.

No dia 13 de Setembro o infante Dom Henrique com todo o seu exército em muito bom estado, chegou à vélha cidade de Tânger que estava abandonada porque os moiros tinham construído outra cidade do mesmo nome muito bem fortificada onde agora habitavam e onde tinham suas riquezas e sua guarnição muito forte. E no vélho Tânger Dom Henrique encontrou seu irmão o infante Dom Fernando com os homens da armada.

Dom Henrique deu então ordem para caminharem todos em direitura à nova cidade de Tânger, seguindo à beira-mar, ao longo da praia. E passando uma grande ponte de pedra, organizou o seu plano de ataque. Estava tão cheio de certeza da vitória que animou pela sua coragem todos os seus. Mandou desfaldar as bandeiras e armou cavaleiros alguns dos seus fidalgos. Os mais novos estavam tão certos de vencer como êle e andavam cheios de alegria; mas os mais velhos, conhecedores das leis da guerra, abanavam as cabeças grisalhas e franziam as testas, agoirando mal daquela batalha tão desigual. Sobretudo os fidalgos que tinham vindo de Ceuta com o infante e que conheciam as manhas e o poder dos moiros.

Dom Henrique mandou que se fizesse o acampamento do exército português sobre um outeiro perto do cabo Espartel; havia ali muitas hortas e pomares e muitos poços de boa água.

Quando começavam a trabalhar nas obras do acampamento, espalhou-se de repente a notícia de que as portas da cidade de Tânger estavam abertas e os moiros fugiam. Logo muitos fidalgos com seus homens de armas correram para a cidade. A notícia era falsa mas os que tinham ido até às portas naquele ímpeto, atacaram com tanta gana que, de três portas que ali havia, uma atrás das outras, logo arrombaram duas. Mas a terceira era tôda chapeada de ferro e não puderam arrombá-la, ainda que a atacassem à machadada e com fogo. E os moiros defenderam-na com muita valentia de sorte que nesta batalha alguns dos nossos homens foram mortos e outros feridos e muitos dos nossos cavalos ali ficaram mortos. O conde de Arraiolos teve uma perna atravessada por uma frecha moira e, do mesmo modo o capitão Álvaro Vaz recebeu uma outra num braço.

Este primeiro encontro desanimou um pouco os portugueses. Ali aconteceu uma cousa que êles consideraram de mau agoiro; foi que, na ocasião em que desfaldaram a bandeira do infante Dom Henrique, o vento lhe deu de tal maneira que lhe quebrou a haste e pôs a bandeira em farrapos. Vendo isto os nossos soldados esmoreceram e diziam entre si que a campanha ia mal começada. Viam agora como a cidade estava bem defendida. Havia ali mais de sete mil homens de guerra bem armados e bem ensinados entre os quais muitos bêsteiros de Granada. E o Governador de Tânger era Salabençala, conhecido pela sua coragem e sabedoria.

Os capitães portugueses animavam os seus homens conforme podiam, mas os mais velhos e experimentados pensavam de si para si que a campanha era muito arriscada pois os portugueses pouco passavam de seis mil; e o que poderiam fazer contra uma cidade tão bem defendida, sem contar com os moiros do interior que viriam com certeza defender os seus camaradas de Tânger?

No entanto o trabalho do acampamento fazia-se com boa vontade, e no sábado tudo se achou pronto. Era um grande acampamento bem defendido com uma rija estacada em redor e bons entrincheiramentos e abrigos tudo feito muito a preceito segundo a arte da guerra daqueles tempos. A semana seguinte foi empregada em trazer, dos navios para o acampamento, as armas, as artilharias e os víveres necessários.

Mas o infante Dom Henrique, vendo-se com pouca gente, cuidou que não

cônvinha alargar o acampamento com uma ponta até ao mar; e assim desobedeceu às recomendações de seu irmão el-rei Dom Duarte, o que foi um grande erro como depois se viu.

Emquanto se faziam as obras do acampamento e o transporte das armas e outras cousas precisas dos navios, os moiros vinham atacar as guardas portuguesas e havia muitas escaramuças onde muitos moiros e portugueses perderam a vida.

O primeiro ataque à cidade de Tânger não deu bom resultado. As escadas de assalto não eram bastante altas, o terreno perto das muralhas não era azado para as máquinas de guerra, e os moiros tinham reforçado as portas da cidade com pedra e cal.

Para o segundo ataque, o infante Dom Henrique tratou de melhorar as suas condições. Mandou vir de Ceuta escadas mais altas e mandou arranjar as máquinas de guerra de modo a poderem servir. E vieram também de Ceuta duas bombardas que eram peças antigas de artilharia que lançavam grandes balas de pedra e faziam muito dano. Entretanto as escaramuças tornavam-se mais frequentes e bravias. E não havia dia em que não morressem nestas batalhas muitos moiros e cristãos, e vários fidalgos portugueses aí perderam a vida. Os moiros do interior iam chegando cada vez mais numerosos.

No último dia de Setembro os portugueses viram aparecer moiros em grande número no alto de um monte dos lados do interior; e sentinelas vieram correndo anunciar que era um grande exército; uns dez mil cavaleiros e noventa mil homens a pé. Vinham socorrer a cidade de Tânger.

O infante Dom Henrique resolveu logo sair do acampamento e dar-lhes combate; destinou a ordem de batalha. À frente iam o conde de Arraiolos e o infante Dom Fernando. Mas os moiros quando viram os cristãos avançar sobre eles, viraram costas e abalaram.

Dom Henrique voltou com todos os seus e mandou fortificar ainda mais o acampamento.

No dia seguinte os moiros voltaram; e Dom Henrique foi ao encontro deles com os seus, na mesma ordem que na véspera. Mas os moiros não atacaram; e Dom Henrique, raivoso, mandou as suas tropas sobre eles. Primeiro os moiros fugiram, mas logo voltaram e houve ali grande batalha onde o infante Dom Fernando se bateu com muita bravura à frente de todos. No entanto os moiros eram tantos que em pouco tempo Dom Fernando se viu rodeado e em grande perigo; e nisto veio o conde de Arraiolos em seu socorro e os dois atiraram-se aos moiros com tal gana que os puseram em fuga. Não contentes com isto o infante Dom Fernando e o conde de Arraiolos perseguiram o inimigo todo aquêl dia e até ao dia seguinte; e neste combate o comandante dos moiros foi morto.

Dom Henrique, vendo-se livre assim dos moiros de fora, apressou-se em dar segundo ataque à cidade. Mas não foi mais feliz que do primeiro. Tânger estava bem defendida e os portugueses eram poucos. Tôda a sua coragem e esforços se quebraram contra aquelas portas e muralhas. Dom Henrique mostrava cara alegre e animava os seus como se estas cousas o não assustas-

sem; mas no fundo do coração começava já a desanimar da vitória. Preparava-se o terceiro assalto a Tânger, quando uns escudeiros portugueses que se tinham aventurado fora do acampamento voltaram trazendo dois almogavares prisioneiros.

Almogavares eram portugueses que viviam escondidos nas montanhas daquelas terras onde o seu destino os levava e que de lá saíam para atacar e roubar, por sua conta, os moiros.

Estes dois homens traziam uma grande e triste notícia; disseram que os réis moiros de Fêz, de Belez, de Lazaraque, de Marrocos e de Tafilete, vinham a caminho de Tânger para atacar os cristãos. As suas forças assim juntas eram muito poderosas: sessenta mil cavaleiros e setecentos mil homens de infantaria.

Esta notícia encheu de cuidados o infante Dom Henrique. Se aquilo fôsse verdade que fariam contra tamanho poder os seus oito mil homens?

O infante reuniu o conselho. Mas ainda bem não os fidalgos se juntaram, e já os moiros começaram a surgir de todos os lados ao mesmo tempo. Eram tantos, quer a pé, quer a cavalo, que a bem dizer, não havia um campo ou um monte em redor que não estivesse coberto pela sua multidão.

Dom Henrique, vendo que os almogavares tinham falado verdade, deu logo ordem de embarcar a tôda a gente da armada que estava na praia. E mandou recolher ao acampamento todos os de terra com ordem de se armarem sem demora nenhuma.

Ordenou a todos os cavaleiros de saírem com êle do acampamento e de collocarem em ordem de batalha num campo onde as tendas estavam armadas e que o Marechal e Álvaro Vaz guardavam com a artilharia.

Então os moiros começaram a avançar de todos os lados; e os moiros da cidade, vendo o socorro dos de fora, desataram a gritar e a fazer um barulho infernal como era seu costume ao atacar, e, saindo da cidade, atiram-se com fúria sôbre a gente do Marechal no lugar onde estavam as bombardas e outras artilharias.

O Marechal, entendendo que não era possível defender-se contra uma tal multidão, resolveu recuar para o acampamento com a artilharia e a sua gente, pois lá, mais abrigados, poderiam resistir melhor.

Durante esta retirada das tropas portuguesas para dentro do acampamento, o infante Dom Henrique conservou-se sempre na retaguarda para defender os seus até à última. E, como se encontrasse muito rodeado de moiros que o atacavam de todos os lados, de repente perdeu paciência e voltando-se num repelão, cheio de raiva, atirou-se a êles com tal furor e dando tais golpes de espada à direita e à esquerda e matando e ferindo de tal maneira, que os moiros, espantados recuaram e fugiram para a banda da cidade. E Dom Henrique sôbre êles. Mas os moiros que de longe viram aquilo, correram contra o infante e a mão cheia de portugueses que o acompanhavam; e em breve era tal o ror de gente inimiga em tôrno deles e tal a confusão da batalha que a vida do infante se achou em grande perigo. O seu cavalo, mal ferido, foi-se a terra e o infante batalhando a pé contra tantos inimigos não se poderia ter salvo, se não fôsse um pagem do infante Dom Fernando que lhe deu o seu

cavalo. Dom Henrique, então, com aquela coragem e sangue frio que nunca o abandonavam, pôde, combatendo sempre, ir recuando até ao acampamento onde por fim conseguiu entrar mais os que o acompanhavam.

Apenas os moiros viram que Dom Henrique se encontrava ao abrigo do acampamento, atiram-se como fúrias contra as estacadas, assaltando-as por todos os lados ao mesmo tempo. Mas aí se mostrou o valor dos portugueses que, sendo tão poucos contra tais multidões de moiros, nunca perderam ânimo e batalharam com tal valentia que o inimigo, espantado, abalou deixando em volta do acampamento o chão coberto de mortos.

Bem poucos eram os portugueses! Ainda menos do que deviam ser, porque, naquela confusão da batalha, uns mil, cuidando-se perdidos, desanimaram de combater e fugiram para a praia onde, encontrando ainda os botes da armada, conseguiram escapar-se para bordo. Dom Pedro de Castro, encarregado pelo infante de guardar a armada, ao ver aquêles homens que fugiram, tomou-se de tal raiva que, sem pensar no perigo que corria, desembarcou com um grande número de valentes e conseguiu com muito trabalho e risco de vida, chegar mais os seus companheiros até ao acampamento onde entraram e batalharam até ao fim como bons e leais portugueses.

O infante Dom Henrique estava bem abatido e triste no seu coração. Mas esse abatimento nunca o mostrou. De dia e de noite nunca um só instante faltou às suas obrigações. Parecia que fôrças do Céu o ajudavam; para êle não havia descansa e onde o perigo era maior, aí estava êle a dirigir a batalha.

Naquela noite, depois de tamanhas canseiras e perigos, em vez de descansar, ocupou-se nos trabalhos do acampamento; era preciso fortificar a estacada onde os moiros a tinham mais estragado. Ia de um lado para o outro com a cara cheia de riso, animando todos pela esperança que fingia ter.

Os homens estavam desanimados; uns diziam que o melhor era tentarem ir até à praia, muitos morreriam mas alguns poderiam salvar-se. Outros diziam que mais valia fazer uma sortida contra os moiros; morrer por morrer, melhor seria morrer combatendo à larga, do que detrás das trincheiras. Mas o infante respondia-lhes que tais actos seriam sinais de fraqueza e de desespêro, e que a verdadeira coragem era serena e firme; e que se todos tivessem confiança na misericórdia de Deus, saíam dali de qualquer maneira. Mas quando o infante assistiu nesse dia à distribuição dos víveres, certificou-se de que só havia de comer para dois dias; e não havia modo algum de alcançar outras subsistências nem era já possível ir aos navios buscar as que lá tinham deixado.

E Dom Henrique soltou um suspiro e pondo a mão no ombro do infante Dom Fernando, disse-lhe em segredo:

— Ai, irmão! Que loucura a minha de não ter obedecido às ordens de el-rei Dom Duarte! Se eu tivesse ligado êste acampamento à praia por uma ponta, estaríamos agora salvos!

Dom Fernando deu-lhe um olhar e um sorriso de amizade e respondeu:

— De que serve pensar no que se poderia ter feito? Pensemos antes no que temos que fazer.

E tinham bastante que fazer. Nesse dia os moiros deram um novo ataque ao acampamento, que durou sete horas. Como eram muitos, renovavam os

homens quando estavam cansados; e assim os renovaram sete vezes. Mas os portugueses eram já tão poucos que tinham de combater todos sem descanso; e ainda assim, só por milagres de vontade e de bravura se agüentavam. Tinham de combater e, ao mesmo tempo, concertar as brechas que os inimigos faziam nas suas defesas. Mas os moiros mais uma vez se retiraram sem terem conseguido entrar no acampamento; e não tinham conta os mortos que deixaram em volta da estacada. No fim da tarde voltaram e desta vez atacaram com fogo, deitando para dentro do acampamento lenha a arder e alcatrão; mas os portugueses resistiram e nem assim o inimigo conseguiu vencê-los.

Nessa noite Dom Henrique, vendo que a cêrca do acampamento era grande demais para poder ser defendida pela gente que lhe restava, ordenou que se estreitasse a estacada. E aquêles valentes, exaustos por tão duras batalhas, passaram a noite em rudes trabalhos, sem uma queixa nem uma revolta. Verdade seja que os infantes e os fidalgos e até os bispos com os seus, não se contentaram de comandar, mas trabalharam como os outros, de martelos e enxadas, sem descanso.

No dia seguinte, que era um domingo, os moiros não atacaram. Contentaram-se de vigiar a praia para que ninguém passasse para a armada nem da armada pudessem vir socorros a terra; e guardaram os poços em volta do acampamento para que os portugueses não pudessem lá ir buscar água.

No acampamento os víveres tinham-se acabado. Os portugueses comeram a carne dos cavalos mortos; queimavam as albardas das bestas de carga e tudo que podiam, mas tinham pouco que queimar e não chegava para assar a carne e comiam-na crua apenas aquecida naquelas tristes fogueiras. E água também não havia. Muitos refrescavam a bôca com lama e, se Deus não tivesse mandado uma grande chuva, muitos teriam morrido à sêde. Não lhes restava outra esperança de salvamento senão na ligação com a armada; passaram a noite de domingo alongando uma ponta da estacada para o lado do mar. E enquanto meios mortos de cansaço, de fome e sêde, todos trabalhavam naquela obra tão difficil, o infante Dom Henrique pensava com amargura em como Deus o castigava agora da soberba que o cegara com aquela certeza de vitória e o fizera desprezar as recomendações de seu irmão el-rei Dom Duarte!

Já no domingo tinham começado conversas entre o infante Dom Henrique e os chefes moiros para se chegar a um acôrdo de rendição. Essas conversas continuaram na segunda e terça-feira. E por fim moiros e cristãos chegaram a um entendimento e fizeram êste acôrdo:

Os moiros deixariam partir e embarcar livremente todos os cristãos levando estes sômente o que tivessem vestido; e isto com a condição de abandonarem tudo que havia no acampamento, cavalos, armas, artilharias, tudo. A cidade de Ceuta seria entregue aos moiros com todos os prisioneiros moiros que lá estavam. Os portugueses garantiriam paz aos moiros por terra e por mar durante cem anos. Salabençala entregava ao infante Dom Henrique um seu filho que ficaria em poder dos portugueses como garantia até que todos fôsem embarcados. E o infante Dom Fernando ficaria nas mãos dos moiros até que a cidade de Ceuta lhes fôsse entregue.

Dom Henrique queria ficar com os moiros no lugar de seu irmão Dom Fer-

nando. A sua idea firme era não consentir nunca em que a cidade de Ceuta voltasse à posse dos moiros. Mas Dom Fernando não consentiu, dizendo que o irmão era mais preciso do que êle em Portugal e que, se um dos dois tivesse de morrer, mais valia que fôsse êle. E desta vez, os fidalgos do conselho não deixaram o infante Dom Henrique levar a sua vontade por diante.

Assim se decidiu tudo. Logo que os contratos foram assinados Salabençala veio em pessoa ao acampamento buscar o infante Dom Fernando e entregar seu próprio filho ao infante Dom Henrique.

Dom Fernando abraçou seu irmão e despediu-se de seus amigos e companheiros que tinham os olhos razos de lágrimas. Mas Dom Fernando sorria e disse-lhes:

— Amigos, êste é um dia feliz para mim. Já que Deus não permitiu que desta vez fôsse nossa a vitória, que melhor alegria podia eu ter neste mundo do que salvar, ainda que fôsse ao preço da minha vida, as vidas de vós todos?

Com o infante Dom Fernando partiram uns poucos dos seus cavaleiros e criados, para o acompanharem e servirem. E um cavaleiro de Dom Henrique, chamado Rui Gomes da Silva, levou o filho de Salabençala para um dos navios da armada.

Começou então a saída dos portugueses do acampamento.

Salabençala era um homem de bem e de palavra, assim como os cavaleiros moiros que o rodeavam, mas os moiros que tinham vindo do interior para lhe acudir, não tinham a sua educação nem os seus sentimentos. Quando viram os portugueses preparar-se para partir, atiraram-se contra o acampamento como demónios, sem quererem saber de contratos e Salabençala não conseguiu dominá-los nem fazê-los obedecer à sua vontade. O combate foi de uma grande violência; mas os portugueses que durante as tréguas para os entendimentos da rendição tinham continuado sempre o trabalho de alongar a estacada para o lado do mar, conseguiram, a-pesar-de tudo, alcançar a praia. Aí encontraram os botes da armada que, com grande rapidez, tinham sido mandados a terra onde o infante Dom Henrique, no meio de tôda aquela confusão, dirigia com muita firmeza o embarque das tropas.

Os últimos a embarcar foram o Marechal e o capitão Álvaro Vaz, dois fidalgos de grande fama, tanto pela sua bravura como pelo valor que davam a tôdas as cousas da honra. Estes dois homens, a quem o infante confiara a retaguarda, isto é, o trabalho e perigo de agüentar a fúria dos moiros enquanto as tropas embarcavam, acharam-se por fim sós na praia, em cima de uns rochedos que avançavam sôbre o mar, e tendo consigo uns valentes bêteiros que faziam frente à multidão dos infieis.

Combatendo sem descanso, o Marechal e o capitão Álvaro Vaz fizeram embarcar todos os bêteiros e, quando já não havia mais ninguém senão êles dois defronte do último bote que devia levá-los para bordo, começaram a discutir um com o outro, à porfia, quem havia de ser o último a embarcar. Assim de espada em punho, ferindo e matando os inimigos enraivecidos que os perseguiam, vendo a cada instante a morte defronte de si, estes dois fidalgos generosos, prolongavam aquela terrível batalha para conquistarem a honra de guardar até ao fim o pôsto mais perigoso. Quis Deus que a coragem de seus

nobres corações fôsse recompensada, pois conseguiram ambos embarcar, conservando por milagre a vida que tão perto estiveram de perder.

Esta emprêsa de Tânger durou trinta e sete dias; durante vinte e cinco cercaram os portugueses a cidade; durante doze foram cercados pelos moiros. Quinhentos portugueses ali perderam a vida; dos moiros morreram quatro mil.

Assim triste acabou desta vez a emprêsa portuguesa da conquista de Tânger. Mas os moiros não gozaram muito tempo da vitória que tão caro lhes custou; nem ficou sem castigo o martírio que fizeram passar ao Santo infante Dom Fernando, como será contado. Trinta e tantos anos depois os portugueses tomaram Tânger e os moiros tiveram seu castigo; perto de duzentos anos conservou Portugal a posse daquela cidade e de muitas outras no norte de África, que nunca mais voltaram a mãos de infiéis.

A SEGUIR:

HISTÓRIA DA PAIXÃO E MORTE DO INFANTE SANTO DOM FERNANDO

CONSTITUIÇÃO DO BRASIL
DE 15 de Novembro de 1888



*Virginia de Castro e Almeida escreveu:
o S. P. N. mandou dar à estampa.*

EDITORA S. P. N.

S. P. N.